



METODO

ERITRENO

CAPOITULO

MEMORIAL



~~AP  
7  
10~~

E  
—  
1

~~K-10-2086~~

METHODO  
DE  
SER FELIZ,  
OU  
CATECISMO  
DE MORAL.



METHODS  
DE  
SERVIR  
DE  
CATECISMO  
DE MORAL



METHODO  
DE  
SER FELIZ,  
OU  
CATECISMO  
DE MORAL,

ESPECIALMENTE  
PARA USO DA MOCIDADE;

Comprehendendo os deveres do  
Homem, e do Cidadão, de qual-  
quer Religiaõ, e de qualquer  
Naçaõ que seja.

*Versaõ do Francez para o Idioma  
Vulgar.*

POR G. E. F.



COIMBRA:

Na Real Impressa da Universidade.  
Anno de 1787.

*Com Licença da Real Mesa Censoria.*





Stafroz de Coimbra

Condo, & compono, que mox de-  
promere possim.

Horat. Epist. i.

Por G. E. F.

COLMERA

Na Real Imprensa da Universidade  
Ano de 1827  
Com licença da Real Mesa Censura





## PREFACIO.

**A** Sciencia mais util , e a mais indispensavel he sem contradicão , a Sciencia da Moral ; porque ella só he quem pode verdadeiramente fazer o homem feliz. Com tudo , podêmos certamente dizer com Mr. d' A-  
lembert que he ella a quem se confere menos honra nas nossas Escolas. Naõ obstante ser esta Sciencia hum dos mais importantes objectos com que a razão deve desde logo occupar-se , de-  
mitte-se ordinariamente para o fim de todas as outras partes da Filosofia , esta Sciencia que se re-  
duz a algumas paginas , em que naõ obstante se propoem exci-  
tar



vi      P R E F A C I O.

tar questões vagas, e scholasticas, tão pouco proprias para instruir, como para formar melhor o coração.

Nas modernas Sociedades, podêmos nós ajuntar, achão-se regras para todas as ordens de Cidadãos; para o Sacerdote, o Magistrado, o Militar, o Commerciantes, o Artífice, porem tudo para os homens feitos; nada, ou quasi nada para os meninos. Como porem se poderá cuidar em construir o tecto a hum edeficio, antes de lhe lançar os seus alicerces? Os costumes são tão essenciaes á felicidade do homem, como o ar á sua conservação. Deve-se-lhe pois inspirar o gosto delles, quasi com o ar, a fim de que possa principiar a trabalhar muito cedo para a sua felicidade, e para a dos mais homens.

mens,



PREFACIO: vii

mens. Bem se sabe qual he sobre a nossa alma a força das verdades, que se lhe gravaraõ na infancia, e nesta idade, os bons principios impressos na memoria, passaõ insensivelmente ao coração.

Hum Catecismo de Moral, para uzo, e á comprehensãõ da mais tenra mocidade, seria pois o meio mais efficaz de talvez multiplicar na Sociedade os homens virtuosos; e os homens virtuosos saõ as mais firmes columnas dos Imperios.

Mas em huma tal Obra, naõ se trata de subtilizar, de discorrer vagamente, ou de querer dizer couzas novas; porque, de que vale a invençaõ, aonde se naõ deve considerar sennaõ a utilidade? Naõ ha mais de huma Moral, assim como naõ ha se  
naõ



## ARTIGO PRIMEIRO.

*Deveres do homem a respeito de si mesmo.*

20 **N**ós vimos de dizer que o homem, em qualquer estado que se ache, nada deve executar senão para a sua felicidade. Repitâmo-lo outra vez, esta he huma das verdades, cuja prova acha cada hum interiormente em si mesmo.

21 A primeira consequencia, que rezulta deste principio, he que o homem deve trabalhar para a sua conservação, e evitar tudo, o que lhe poderia ser nocivo. Esta obrigação he sem duvida a primeira; por que ficaria sendo sobre modo inutil que se lhe prescrevesse outros deveres, quando não tivesse anticipadamente dado providencia á sua conservação.

Daqui se segue q̄ convem conservar,



servar , e augmentar quanto he  
possivel ás forças naturaes do cor-  
po , por alimentos , e exercicios  
convenientes , e não as debilitar ,  
e arruinar pelo excesso do co-  
mer , e do beber , por trabalhos  
fòra do tempo , ou por qualquer  
outra maneira de intemperança.

22 Hum segundo devêr do ho-  
mem relativamente a si mesmo ,  
he o cuidado, que deve ter da sua  
alma , cuidado tanto maior , quan-  
to a alma he a parte mais no-  
bre , e a mais excellente do ho-  
mem. A cultura da alma , ou da  
razão , ( pois he como fazendo  
uzo desta faculdade, que aqui con-  
sideramos particularmente a alma)  
he de ultima importancia para o  
homem , porque , nós o repeti-  
mos , não se póde procurar hu-  
ma verdadeira felicidade , senão  
por meio da razão , e a razão não  
o póde conduzir a este termo ,  
senão quando elle tem cuidado  
de cultiyar , e de aperfeiçoar as  
suas

78731



suas faculdades. Este cuidado da alma, esta cultura da razão consiste em geral em formar o espirito, e o coração.

23 Formar o espirito, he cada hum fazer para si idéas exactas das cousas; e para isto, quaes são os conhecimentos, que se deve ter cuidado de adquirir?

Os nossos conhecimentos são de duas especies, uteis, ou curiozos. Os conhecimentos uteis não podem ter mais de dous objectos, as nossas obrigações, e as nossas necessidades. Os conhecimentos curiozos tem por objecto os nossos prazeres, seja do espirito, ou do corpo.

Os conhecimentos uteis devem ser cultivados segundo o seu differente gráo de utilidade. Primeiro que tudo, vem os conhecimentos de primeira utilidade, que tem por objecto as necessidades, ou os devêres communs a todos os homens. Depois destes vem os  
conheci.



conhecimentos, que nos são uteis em respeito á sociedade particular em que vivemos: A saber: o conhecimento das leys desta sociedade, do que a Natureza fornece as nossas precizoões, no paiz que habitâmos, &c. Todos estes conhecimentos devem ser cultivados em huma sociedade civilizada.

○ A respeito dos conhecimentos simplesmente curiosos, cumpre distinguir tambem duas especies. Alguns encaminhaõ-se ao menos indirectamente a conhecimentos uteis; he pois proveitozo, q̃ elles sejaõ cultivados com algum cuidado, especialmente se elles dirijem as suas pesquisas para objectos de utilidade. Outros conhecimentos são de pura recreação, devem-se cultivar com cautela, temendo, que elles inspirem muito gosto para o deleite; porque este gosto degenera, facilmente em excesso, e em licenciosidade. Esta simples indicação basta para fazer

zer



zer ver tanto a obrigação de cada hum se instruir, como o estudo que convem fazer para entrar no mundo. Aqui poremos termo á cerca do espirito.

24.. Formar o coração he regular bem os movimentos da vontade, e conformar as acções á recta razão; em huma palavra, a perfeição da razão consiste em dois habitos, a *Sabedoria*, e a *Virtude*.

A *Sabedoria* he aquelle habito pelo qual a alma, afeita a huma attenção continuada, a hum discernimento solido, a huma raciocinação exacta, adquire o conhecimento das cousas que interessão os seus deveres, e a sua felicidade.

A *Virtude*, seguingo a etymologia do seu nome, se recebe aqui pelo habito que dá a alma sufficiente força para seguir com facilidade os conselhos da sabedoria, e rezistir animozamente a tudo o que a poderia affastar delles.

C

Convem



Convem distinguir diligentemente o bom natural da virtude. Exercer o bem, he a occupação mais aprazivel do homem bem nascido. A sua probidade, a sua beneficencia não são obra dos seus principios, mas sim do seu bom natural. Cede ás suas inclinações praticando a justiça, do mesmo modo que o maligno cede ás suas quando pratica a iniquidade. Contentar o gosto que nos leva a obrar bem, he *Bondade*, porem não virtude.

Como a palavra de virtude significa *Força* não ha virtude sem combate, não ha combate sem victoria. A virtude não consiste somente em ser justo, porem sim em ser triunfante das suas paixões, reinando cada hum sobre o seu proprio coração. Tito, fazendo feliz o povo Romano, derramando graças, e beneficios por todos os lugares, podia não perder hum só dia, e não ser virtu-

OZO;



rompido fenaõ por transportes de raiva, e de blasfêmias. O seu espirito parece alienado, e se não se dissimulassem mutuamente suas furiozas raivas ver-se-hia esganarem-se vilmente por hum pouco de lôdo amarélo.

Eu citei entre outros effeitos da Avareza, esta paixãõ funesta, que talvez seja a que mais defautoriza o coraçãõ, e o espirito do homem. Ella suffoca as virtudes sociaes, a compaixãõ, a beneficencia: substituelhe inclinaçoẽs infames, e acanhadas, a dureza dos sentimentos, a insensibilidade. Hum jogador que começou por ser parvo, vem logo a ser por seu turno pouco delicado sobre os meios de fixar, ou de corrigir a fortuna. Da-hi nascem as perficias, a má fé, outros muitos crimes que este fernezim arrasta apoz si. No instante em que estou escrevendo isto, de quantas familias, e casas não he o jogo a vergonha



*Da Ambição.*

30 Ha corações infaciaveis de outros bens sem serem as riquezas: são os Ambiciozos. O objecto da sua paixão he muito mais fantastico; mas em recompensa disto, elles o crem mais nóbre.

Ha duas sortes de ambição. A primeira inspira ao homem que ella possui o ardente dezejo de chegar a hum lugar elevado; faz-lhe considerar este dezejo como paixão dos corações grandes, e lhe tira todos os escrúpulos que podiaõ embarçar o seu caminho. He este genero de ambição que forma dezhumanos conquistadores, que os fazem inimigos dos estados vizinhos, e da íua propria patria, que lhe faz violar o direito das Nações, e a santidade dos tratados, que os constitue os flagellos dos estranhos, e



gistrado que inquiria de vós a verdade, com a autoridade do seu cargo.

A excepção de hum pequeno numero de casos, a ingenuidade deve sempre estar collocada sobre os nossos labios. Mas, não nos podêmos dispensar de ainda fazer huma reflexão ácerca disto. Devemos-nos resguardar muito de confundir a franqueza que nos obriga a confessar ingenuamente a verdade, todas as vezes que a requerem de nós, com essa extravagancia cinica, que traz com si hum caracter fogo de dizer na presença, e sem necessidade cousas desagradaveis, ou asperas. Debaixo do pretexto de querer ser ingenuo, samente se he caprichozo, e incivil. E quando tais grosserias são arriscadas, e sem fundamento, como deve acontecer quasi sempre em semelhantes casos, aonde se falla sem reflexão, e por humôr quando a

311  
fora



fora disto se tem a louca vaidade de as pronunciar com hum tón magistral, e de oraculo, que nome se merece? Pode-se chamar a isto ser franco, e ter gofio de dizer a verdade? Não he porem de dizer a verdade que se faz caso, he mais frequentemente o de mortificar hum homem honrado, de quem os discursos, e o proceder são a nossa censura, e cujo zelo para os nossos interêlles o empenha algumas vezes a nos dar conselhos faudaveis. He deste modo que sogetti-amos ao gráo do nosso capricho, e da nossa paixã, os principios mais sabios, e que huma arma defensiva já não he senãõ huma arma facinorosa nas mãos de hum furiozo, ou de hum malvado.

Outro modo de enganar he a lizonja, que se pode definir, hum commercio de mentiras fundado sobre o vil interêlles, e sobre a vaidade.

He



He ultrajar os homens exigir delles juramentos para conhecer a verdade, he suppô-los a hum tempo capazes de mentir, e afáz supersticiosos para admittirem differença, entre a mentira e o perjuro. Hum embusteiro não encontra mais difficuldade em perjurar do que em mentir; e o homem veridico, depois dos mais horrorosos juramentos, não pode fallar mais verdade do que o faria affirmando simplesmente. A verdade não he susceptivel de mais, ou de menos.

Opponhâmos á mentira a boa fé, que he inutil definir. Aquelles mesmos que estaõ menos providos della, não a ignoraõ; e não teriaõ pezar de que todos os homens a tivessem, para os enganarem mais a seu salvo. Por que, ninguem he velhaco só pela reputaçã de o ser, he sempre com algum fim de interêsse que se engana.

A



A boa fé segue a obrigação da sua palavra; não a devemos dar indiscretamente, mas, não nos devemos jamais dispensar de a cumprir. A falta de palavra he a prova de huma alma sem honra, ou quando pouco, de huma inconstancia indigna de perdão. He pois huma obrigação sagrada, que se affimelha á justiça.

## III.

*Da Circumspecção nas Acções.*

37 Nada fazer que comfigo não traga hum caracter distincto de rectidão, e de virtude; não executar senão o que a ley natural permite, ou ordena, e da maneira, e com as restricções que ella prescreve, he em que consiste a circumspecção nas acções. Nós supponmos aqui, que não temos que formar senão corações honrados; e que não temos que  
temer,



temer, nem defordens, nem crimes que não ha necessidade de prohibir os latrocinios, os assassinos, nem êstes horrores que confundem a natureza. Preceitos, não reprimirão almas tão desgraçadamente inclinadas; para os cadafalsos, e para as forcas, he o reprimi-los. Não se trata pois aqui mais do que condemnar as acções indecentes, que sem fahirem de hum fundo vicioso, não deixaõ de serem reprehensiveis.

*Dos bons Exemplos.*

38 Se só Deos tivessemos para testemunha das nossas acções, estando o coração sem criminação, o nosso proceder o estaria igualmente; porque he pelo coração que elle nos julga. Os homens porem não vem senão exterioridades; he pelas nossas acções que julgaõ dos nossos sentimentos; he pelo que lhe re-  
por-



postaõ os sentidos que elles nos pezaõ , e nos avaliaõ. Cumpre pois , por *interêsse* , e por *obrigação* não dar lugar voluntariamente a desconfianças. Eu digo por interêsse , porque havendo precisaõ effectivamente do soccorro dos nossos semelhantes , convemnos fazer que elles nos estimem. Digo igualmente por obrigação , porque com effeito a temos de contribuir para a perfeição dos nossos semelhantes por hum procedimento que lhes inspire o gosto do bem.

Naõ he pois bastante ter a virtude no coração , he necessario fazê-la visivel : he preciso que ella derrame sobre todas as nossas acções hum colorido taõ luminoso que não sejaõ equivocas , nem susceptiveis de interpretações finistras. O exemplo he o meio mais efficaz para fazer amar a virtude. He hum quadro vivente que figura a virtude em

a-



acção, e communica a sua impressão aos que o contemplaõ. Quanto mais elevados estamos, mais fomos obrigados a dar bons exemplos. Quem he que ignora qual seja a influencia da conducta dos superiores sobre a dos inferiores?

Mostrar exteriormente virtudes de que se está totalmente despido, seria *hypocresia* vicio abjecto, e perfido: O maligno he menos perigozo que o que engana com a mascara da virtude: pode-se estar precavido contra o primeiro, em lugar de que he quasi impossivel haver resguardo dos golpes imprevistos do homem que nos engana com mentirofas exterioridades.

Ao bom exemplo he opposto o *escandalo*, que por apparencias conjecturaes, faz interpretar o nosso procedimento para a má parte. O escandalo faz muito mais mal, do que o bom exemplo produz



duz de bem. Quaõ util he con-  
temporizar com a fraqueza dos  
outros homens, abstando na sua  
presença, ainda as acçoës inno-  
centes em si mesmas, mas que,  
pelas circumstancias, os podem  
escandalisar?

Naõ obstante, devemos conce-  
der que ha muitas vezes espi-  
ritos malignos, como anteceden-  
tamente notei, que daõ a conhe-  
cer que se apostaõ a descobri-  
rem o mal em tudo. De balde  
nos lizonjiaria-mos de ter paz com  
elles, ainda quando lhes sacrifi-  
cassemos os nossos gostos mais in-  
nocentes; quanto mais se lhes  
concede, mais pedem. Naõ se  
escandalizaõ senaõ para se con-  
servarem o pretexto de atormen-  
tar, e de apurar a paciencia da  
pusillanime condescendencia do  
homem fraco, e timido. O seu  
apparente zêlo para a decencia  
naõ encobre mais do que inten-  
çoës perfidas, e crueis. Quando  
se



<i>O que he Jurisprudencia, e o Direito? N. 12.</i>	pag. 13
<i>O que he Consciencia, e Remorsos? 13.</i>	15
II.	

<i>Divizaõ, e Fundamento da Moral 14.</i>	17
<i>Differença entre a Moral da Razaõ, e a Moral da Religiãõ 15.</i>	17
<i>De que principio deduz a Moral os deveres do Homem 16.</i>	18
<i>Differença do Amor proprio, e do Amor de si 17.</i>	19



## PRIMEIRA PARTE.

### Moral da Razaõ.

<i>Divizaõ da Moral da Razaõ 18</i>	24
<i>Dos differentes estados do Homem 19.</i>	24

ARTI-



## ARTIGO PRIMEIRO

<i>Dos Deveres do Homem rela- tivamente a si mesmo</i> 20.	29
<i>Do cuidado do seu corpo</i> 21.	29
<i>Do cuidado da sua Alma</i> 22.	30
<i>Cultura do Espirito, e conhe- cimentos</i> 23	31
<i>Do que forma o Coração, Differença da Virtude, e do bom Natural</i> 24	33

## CAPITULO PRIMEIRO

N. pag.

<i>Da Sabedoria</i> 25	35
I.	
<i>Da Circunspecção nos Senti- mentos</i> 26	36
<i>Do Orgulho, e da Modestia</i> 27	37
<i>Dos Appetites Corporaes, Di- gressão sobre as Paixões</i> 28	39
<i>Da Avareza, da Prodigali- dade, e da Economia, do</i>	
	Jogo



Fogo 29	43
Da Ambição, de quantas sortes?	
Das Honras, e da Gloria 30	48

## II

Da Circunspecção nas Pala- vras 31	55
Da Maledicencia, e da Ca- lumnia, da Indulgencia 32	56
Da Zombaria 33	61
Da Indiscrição, e da curio- zidade 34	65
Dos Discursos livres; da Dis- simulação da Lisonja 35	67
Da Mentira, e Boa Fè 36	68

## III

Da Circunspecção nas Acções 37	74
Dos bons Exemplos, da Hy- pocrizia do Escandalo 38	75
Da Honestidade publica 39	79



## CAPITULO SEGUNDO

	Num.	pag.
<i>Da Fortaleza , ou Virtude ; dos deveres que ella pres- creve</i>	40	80

## I

<i>Da Paciencia , e dos males naturaes</i>	41	81
<i>Digressãõ sobre o prazer , e a Pêna</i>	42	82
<i>Dos Castigos , e das Perse- guições</i>	43	85

## II

<i>Do Animo</i>	44	87
<i>Da Grandeza da Alma</i>	45	87
<i>Do Desinterêsse</i>	46	88
<i>Necessidade do Trabalho</i>	47	89
<i>Da Emulaçãõ , e da Inveja</i>	48	91
<i>Do Heroismo</i>	49	92
<i>Da Firmeza , e da Contumacia</i>	50	92
<i>Da Intrepidez</i>	51	94
<i>Do Valor</i>	52	95
		Do



<i>Do Desprezo da vida, e do Suicidio</i>	53	95
<i>Do Dezasio, da Vingança</i>	54	97

## ARTIGO SEGUNDO.

<i>Dos Deveres do Homem a respeito dos outros Homens</i>	55	99
--	----	----

## CAPITULO PRIMEIRO.

<i>Do Amor</i>	56	101
----------------	----	-----

### I.

<i>Do Amor da Patria; necessidade de abraçar hum Estado</i>	57	103
---	----	-----

### II.

<i>Do Amor Conjugal, ou do Matrimonio</i>	58	108
<i>Do Ciume</i>	59	111
<i>Do Adulterio, do Celibato</i>	60	112

### III



## III.

*Do Amor Paternal* 61 116

## IV.

*Do Amor Filial* 62 119

## CAPITULO SEGUNDO.

*Da Amizade , e das suas  
obrigações* 63 121

## CAPITULO TERCEIRO.

*Da Humanidade* 64 126

## I.

*Da Bondade* 65 128

*Naõ fazer mal* 66 128

*Da Beneficencia , da Genero-  
sidade , da Caridade ; Exem-  
plo da maneira de fazer o  
bem* 67 130  
II.



## II

<i>Da Cortezania</i> 68	139
<i>Da Civilidade</i> 69	140
<i>Do Desprezo</i> 70	143
<i>Da Complacencia</i> 71	148
<i>Dos Respeitos obzequiosos</i> 72	150
<i>Concluzão</i> 73.	151.





